

EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA:



PROPOSTAS DE ATIVIDADES EDUCATIVAS PARA ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Autores:

Rosineide dos Santos Firmino

Lincoln Tavares Silva



EDUCAÇÃO AMBIENTAL

DIALÓGICA:

Propostas de atividades
educativas para espaços não
formais

UERJ – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Educação e Humanidades (CEH)

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)

Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB)

Reitora: Gulnar Azevedo e Silva

Vice-Reitor: Bruno Deusdará

Diretora do CAp-UERJ: Monica Andrea O. Almeida

Vice-diretora: Deborah da Costa Fontenelle

Coordenadora do PPGEB: Maria Cristina Ferreira dos Santos

Vice-coordenador do PPGEB: Leonardo Freire Marino

Coordenadora do Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração: Carlos Henrique Fonseca

Coordenador de Editoração: Alexandre Xavier Lima

Conselho Editorial: Alexandre Xavier Lima

Deborah da Costa Fontenelle

Elizandra Martins Silva

Juliana de Moraes Prata

Comissão Científica: Angélica Maria Reis Monteiro (U. PORTO)

Daniel Suárez (UBA)

Edmea Santos (UFRRJ)

Jorge Luiz Marques de Moraes (CPII)

José Humberto Silva (UNEB)

Marcus Vinicius de Azevedo Basso (UFRGS)

Rogério Mendes de Lima (CP II)

Waldmir Araujo Neto (UFRJ)

Banca Examinadora

Lincoln Tavares Silva (orientador) –UERJ

Leonardo Freire Marino (examinador interno) – UERJ

Patrícia Menezes Maya Monteiro (examinadora externa – UFRJ)

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

DIALÓGICA:

Propostas de atividades educativas para espaços não formais

Rosneide dos Santos Firmino
Lincoln Tavares Silva

Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração
NEPE Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP-UERJ
Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica



Design de capa e diagramação: Rosineide dos Santos Firmino

Ilustração da capa: Rosineide dos Santos Firmino

Fotografia: @Marta Gil

Revisão: Márcia da Gama Silva Felipe

Copyright © 2024 - Todos os direitos desta edição reservados a
Editora CAP- UERJ

Ficha Catalográfica

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A

F525 Firmino, Rosineide dos Santos

Educação ambiental dialógica: Propostas de atividades educativas para espaços não formais. / Rosineide dos Santos Firmino, Lincoln Tavares Silva. – Rio de Janeiro: CAP-UERJ, 2025. 44 p.: il.

Produto educacional elaborado no Mestrado Profissional do PPGEB/CAP/UERJ.

ISBN: 978-65-81735-99-9

1. Educação ambiental. 2. Espaços não formais. 3. Parque Ecológico da Rocinha. I. Silva, Lincoln Tavares. II. Título.

CDU 37

Emily Dantas CRB-7 / 7149 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

2025

1ª Edição

Editora CAP-UERJ

Rua Barão de Itapagipe,96

Rio Comprido – RJ CEP 20.261-005

<http://www.cap.uerj.br/site/>



SUMÁRIO

Apresentação.....	06
Introdução.....	08
Conceitos importantes para serem pensados.....	10
Marcos regulatórios.....	11
Educação não formal.....	14
Cartografia.....	15
Reflorestamento.....	19
Mutirão de limpeza.....	23
Contação de história.....	27
Desenho Livre.....	31
Referências.....	39
Anexo 1 - Mapa do Parque.....	41
Sobre os autores.....	42





APRESENTAÇÃO

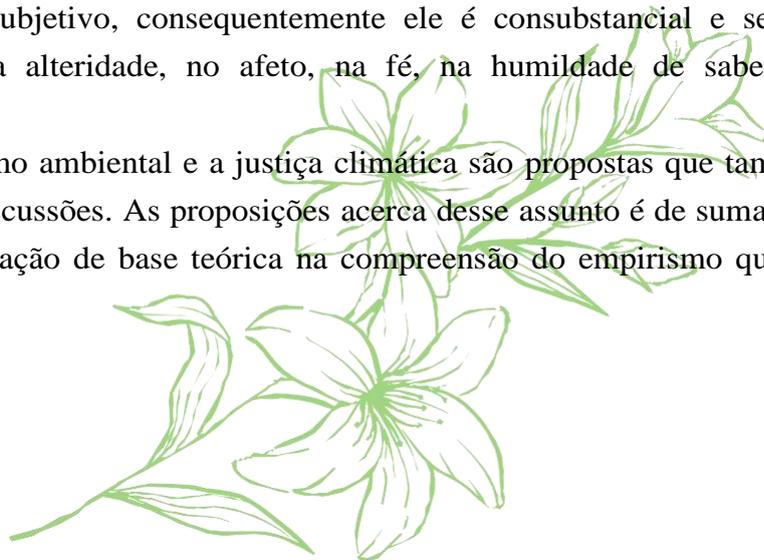
Olá, amigos(as), professores(as), coletivos e todos os que amam discorrer sobre o tema educação ambiental, atuar nele e mobilizar pessoas, através do diálogo, para que se envolvam, nos diferentes espaços fazendo desses ambientes um lugar de conversas e reflexões sobre as necessidades de mudança do dia a dia, mantendo o equilíbrio ambiental e cuidando das pessoas em um ato de solidariedade e amor.

Eu sou a Rosineide dos Santos Firmino, mais conhecida como Rose Firmino. “Cria de favela”, minha vida transita pelas periferias, participando de discussões sobre a crise ambiental a partir da compreensão do uso da comunicação que rege o senso comum, formulada por Paulo Freire e de lugares onde a discussão ancestral do povo negro, mas especificamente sobre postura da mulher negra favelada, como afirma Conceição Evaristo, esteja presente, com o intuito de compreender os significados que atribuímos ao mundo a partir da Teoria das Representações de Serge Moscovici. Além de pedagoga, estou professora da rede municipal do Rio de Janeiro, sou poeta, ativista comunitária e uma pessoa que veste muitas funções — tantas que, às vezes, até me perco!

Agora, venho compartilhar uma missão que me toca profundamente: divulgar questões socioambientais e ações, no campo da educação, que pretendem impactar diretamente no território educativo, para mitigar a degradação ambiental na qual o planeta se encontra.

A falta de consciência sobre a preservação do meio ambiente, nas áreas mais vulneráveis, é um problema que “grita”. Por isso que a perspectiva dialógica freiriana se faz presente na materialização desse produto, visto que é nesse ambiente que o diálogo se constitui intersubjetivo, conseqüentemente ele é consubstancial e se correlaciona na democracia, na alteridade, no afeto, na fé, na humildade de saber-se inacabado e histórico.

O racismo ambiental e a justiça climática são propostas que também fazem parte desse rol de discussões. As proposições acerca desse assunto é de suma importância para imbuir a população de base teórica na compreensão do empirismo que se faz presente com fluidez.



Nessa luta, arraigada de conhecimento de teoria e prática, a educação é nossa melhor aliada, nos espaços formais, não formais ou nos informais. São nesses lugares que nós sujeitos constituídos individualmente, mas que se constitui enquanto cidadão crítico e consciente no coletivo. Cheios de ideias, histórias, causos, conhecimentos em uma interação dialógica formal ou informal, mas que nos forja e nos prepara para compreendermos e reconhecermos os espaços com toda potencialidade formativa.

Assim que nasce a ideia de usarmos (a palavra “usarmos” surge da minha parceria com o meu orientador, que refuta algumas ideias, mas também compactua com ideias mirabolantes em função da educação) um produto educacional, com base em tarefas práticas, em diálogos com especialistas, artigos, livros e experiências empíricas vividas no cotidiano escolar e no PER - Parque Ecológico da Rocinha.

O produto educacional intitulado “Educação Ambiental Dialógica: propostas de atividades educativas para espaços não formais” foi elaborado no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com o desígnio de proporcionar um material didático alternativo para professores e professoras da Educação Básica, ativistas comunitários, entre outros que desenvolvem atividades no PER - Parque Ecológico da Rocinha, ou em outros espaços com características próximas ao parque localizados em favelas e periferias, podendo ser adaptado para diferentes modalidades e níveis de ensino e apresentado como proposta de atividades para iniciativas sociais.





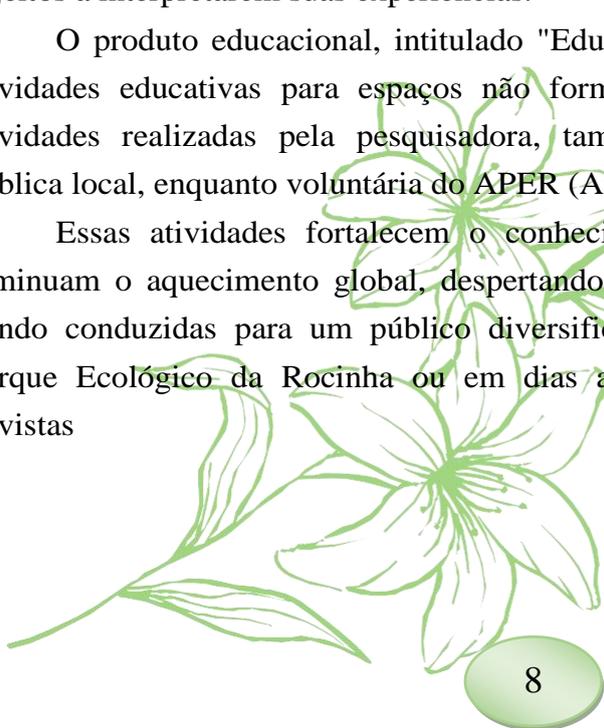
INTRODUÇÃO

Esta obra, voltada principalmente para professores e professoras que atuam no primeiro segmento do Ensino Fundamental I, das escolas públicas e privadas, e para voluntários que desenvolvem projetos sociais na favela da Rocinha, dentro do Parque Ecológico, apresenta reflexões, práticas e vivências sobre educação ambiental que envolvem a educação não formal, na concepção de território educativo como uma proposta curricular para a educação básica. Como pressuposto, pode ser adaptada em seu uso para outras realidades distintas, mas afins, na qual a preocupação em problematizar os contextos socioambientais vividos se torne presente ou se faça necessária. Acreditamos que pode ser adaptada, para realização com públicos diversos.

Este material propõe uma perspectiva de atuação de instituições formais, não formais e informais, na construção de um território educativo, destacando a importância, segundo Evaristo (2020) de valorização da ancestralidade, da memória, da resistência e do resgate da identidade, onde o corpo, a memória e a palavra das mulheres negras se entrelaçam como fonte de conhecimento. A preservação e o compartilhamento do meio ambiente, sobretudo em territórios marcados pela exclusão histórica, como as periferias urbanas, a luz da Educação Ambiental Dialógica, vista como um meio de transformação social, pela emancipação humana do diálogo e da problematização de questões ambientais, se faz urgente. Valorizamos as formas de representação sociais do senso comum que orientam comportamentos, influenciam práticas cotidianas e ajudam os sujeitos a interpretar suas experiências.

O produto educacional, intitulado "Educação Ambiental Dialógica: propostas de atividades educativas para espaços não formais", surgiu a partir da compilação de atividades realizadas pela pesquisadora, também moradora e professora de escola pública local, enquanto voluntária do APER (Amigos do Parque Ecológico da Rocinha).

Essas atividades fortalecem o conhecimento centrado no meio ambiente que diminuem o aquecimento global, despertando nos sujeitos uma consciência ecológica. Sendo conduzidas para um público diversificado, presente nos encontros no PER- Parque Ecológico da Rocinha ou em dias alternados, em parceria com coletivos e ativistas comunitários.



O objetivo principal dessas propostas educativas foi sensibilizar crianças, jovens e adultos para a importância da preservação ambiental e incentivá-los a frequentar e reconhecer o parque, como um espaço de convivência e aprendizado ambiental. As atividades foram desenvolvidas de forma a integrar a educação ambiental dialógica ao contexto local, promovendo o envolvimento direto das pessoas com o espaço natural do parque e suas riquezas ecológicas.

Ao longo do texto, o leitor é levado a perceber a oportunidade de ampliar e de visibilizar ações educativas; engajar-se nos movimentos de conscientização ambiental e, de reconhecimento do espaço localizado no território com potencial educativo; assim como a desenvolver a capacidade de reconhecer e diferenciar o material reciclado do material orgânico, aprender as práticas e a importância de reflorestamento, entre outras ações sustentáveis.

O material está disponível gratuitamente e pode ser amplamente utilizado, no formato impresso ou digital, tanto no contexto escolar quanto em territórios educativos, devendo servir, segundo Jacobi (2003), como uma ferramenta valiosa para profissionais da educação, ativistas comunitários, entre outros que desejam ampliar a discussão com relação à preservação do meio ambiente como caminho para modificar o cenário de degradação ambiental. Ele promove o acesso à informação e incentiva a educação comunitária, seja dentro das escolas, seja em outros espaços fora do ambiente escolar.

Por fim, o material apresenta sugestões de atividades voltadas à tomada de consciência sobre a importância de se preservar a natureza.



Conceitos importantes para serem pensados...

Parque Ecológico

é uma Unidade de Conservação (UC) de uso sustentável que tem como objetivo conservar amostras dos ecossistemas naturais, propiciar a recuperação dos recursos hídricos e recuperar áreas degradadas, promovendo sua revegetação com espécies nativas. Além de incentivar atividades de pesquisa, monitoramento ambiental e educação ambiental, os parques ecológicos também estimulam atividades de lazer e recreação da população em contato harmônico com a natureza. (IBRAM, 2020 p. 1)

Território educativo

segundo Gadotti (2009), são espaços que podem ser utilizados para o processo educativo, além da sala de aula tradicional. Eles podem ser a escola, a cidade, museus, bibliotecas, parques, entre outros. O seu conceito está atrelado à ideia de Cidade Educadora, que reconhece e promove a formação integral dos habitantes.

MARCOS REGULATÓRIOS

Segundo a Constituição de 1988

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade.” (Art. 205)

O Artigo 225, discorre sobre a educação ambiental que tem como primícia definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, na recuperação e na melhoria do meio ambiente.



A educação nas políticas e normas

A Lei 9.795/99 ficou instituída como Política Nacional de Educação Ambiental. Essa lei determina que o tema deve estar presente em todos os níveis e todas as modalidades da educação, usando os meios de comunicação de massa.

Também está prevista na BNCC - Base Nacional Comum Curricular, no Parecer CNE/CP nº 14/2012 e na Resolução CNE/CP nº 2/2012, a oferta de formação em temas relacionados à natureza em seus diferentes aspectos (sociais, econômicos, comunitários e ambientais).

A educação ambiental também está inclusa no PNE - Plano Nacional de Educação, no artigo 2º, inciso X, quando diz que se deve promover o respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental.

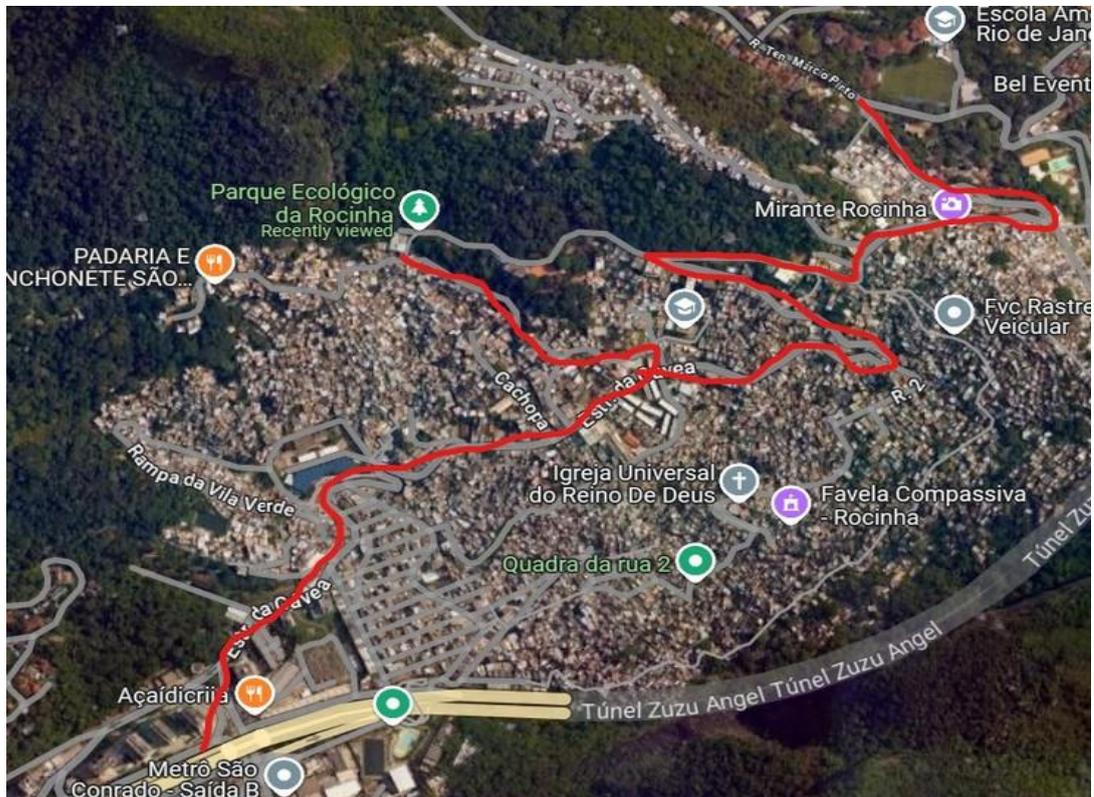


EDUCAÇÃO NÃO FORMAL



Atividades desenvolvidas fora da sala de aula, voltadas para a sensibilização, podem ser realizadas tanto por professores quanto por ativistas comunitários. Segundo Trilla (2008), a escola, sozinha, não é capaz de abarcar todo o conhecimento necessário. É fundamental integrar outros ambientes ao contexto escolar para complementar o processo de ensino- aprendizagem.

CARTOGRAFIA



Para Castellar (2000), o processo de alfabetização em cartografia para a leitura mundo deve iniciar nos anos iniciais. Trabalhando conceitos centrais como: noções de lateralidade; ponto de referência; noções de orientação; noção de escala; legenda dos mapas. Em complemento, Silva (2005), como base nos estudos de Simielli (2007), diz que a criança desenvolve noções abstratas da leitura e da análise cartográfica, desenvolvendo habilidades de saber localizar-se e de localizar pessoas, objetos, fenômenos e outros lugares, como também utilizar os diversos referenciais de orientação espacial. Sendo assim, não apenas nos localizamos, como também nos posicionamos a partir de uma pertença territorial. O mapa representa parte significativa de nosso chão!

O mapa foi pesquisado no Google Maps, e a arte gráfica foi criada utilizando a ferramenta de captura, um aplicativo gratuito disponível no pacote Office do Windows. O mapa em anexo foi cedido pelo Projeto Praça, rua e bairro da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, parceiros do APER.

Percepções ancoradas no diálogo...

Cotidiano...

Olhar o mapa nos permite perceber o espaço e a extensão da área preservada no local. Os integrantes do APER visualizam, por meio do mapa, a dimensão do território e as possíveis formas de acesso. Além disso, essa análise reforça a importância do PER e do trabalho desenvolvido pelo APER ou outros coletivos, na prevenção da devastação descontrolada da natureza, contribuindo para a preservação das condições essenciais à vida.

Teórico...

Andar pelos becos e vielas é um ato educativo. Conceição Evaristo (2020), em *Becos da Memória*, nos mostra o aprendizado que brota da vida nas periferias, com histórias, sabores e resistências. Conhecer esse território é também lutar por ele — e ele por nós — num movimento crítico e solidário.

Com o mapa, sabemos onde nos abrigar da chuva, do deslizamento, da enchente — espectros do cotidiano enfrentados com reflexão. Figueiredo (2007), com base em Freire (1996), reforça: teoria e prática devem caminhar juntas. Sem essa união, a prática vira mero ativismo e a teoria, apenas “blá, blá, blá”.

ATIVIDADE DE CARTOGRAFIA

1. Boas-vindas e introdução (10 minutos):

- Reúna o grupo e apresente a proposta:
 - a. O que é um mapeamento afetivo?
 - b. Explique que o objetivo é refletir sobre os sentimentos e as experiências que o parque desperta.
 - c. Mostre o mapa e os locais que ele representa.

2. Exploração guiada do parque (20 minutos):

- Leve os participantes para uma caminhada pelo parque, destacando pontos de interesse (churrasqueiras, trilhas, áreas verdes, pontos de reflorestamento).
- Peça que observem o que sentem em cada local:
 - a. Como você se sente aqui?
 - b. Que memórias ou ideias esse lugar traz?
 - c. O que você gostaria que tivesse nesse espaço?

3. Atividade de mapeamento (30 minutos):

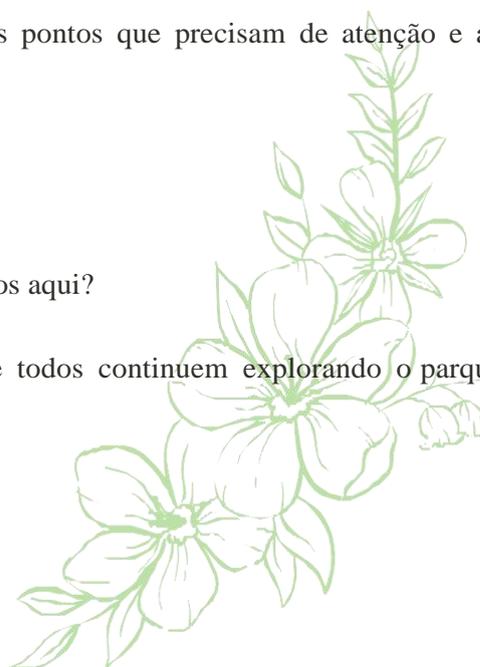
- Distribua os mapas individualmente ou em grupo. • Oriente os participantes a marcar no mapa:
 - a. Anote os pontos positivos e negativos dos locais indicados.

4. Compartilhamento e consolidação (20 minutos):

- Peça que os participantes apresentem seus mapas, explicando brevemente suas escolhas.
- Use uma cartolina ou quadro grande para criar um mapa coletivo do parque, reunindo as percepções de todos.
 - a. Ex.: Marque no mapa coletivo as áreas favoritas, os pontos que precisam de atenção e as sugestões para melhorias.

5. Reflexão e encerramento (15 minutos):

- Facilite uma conversa com perguntas como:
 - a. O que aprendemos sobre o parque com essa atividade?
 - b. Como podemos ajudar a cuidar dos lugares que amamos aqui?
 - c. Que ideias podemos levar para o futuro do parque?
- Finalize com agradecimentos e um convite para que todos continuem explorando o parque e cuidando dele.



FICA A DICA

Prepare o ambiente

- Cópias simplificadas do mapa do Parque Ecológico (uma para cada participante ou grupo).
- Lápis de cor, canetinhas ou giz de cera.
- Etiquetas adesivas ou pequenos *post-its*.
- Pranchetas ou suportes para escrever.
- Cartolina ou quadro grande para consolidar as percepções coletivas.

Dicas Extras:

- Se possível, inclua os colaboradores do parque para comentar as sugestões das crianças.
- Transforme as ideias coletadas em um plano de ação ou em um mural na escola ou no parque.
- Relacione as percepções ao impacto ambiental e à preservação.
- Se entender ser necessário, antes de ir ao campo, você pode realizar esta atividade dentro do espaço escolar ou educativo para que seus participantes aprendam melhor a atividade a ser realizada no campo. Isso também poderá facilitar o uso dos mapas e de outros instrumentos projetivos e icônicos pelos participantes.



REFLORESTAMENTO



A produção de mudas, de espécies frutíferas ou florestais, tem como objetivo atender às demandas por plantios, tanto com finalidades comerciais quanto para fins ambientais, tais como a recuperação de áreas alteradas ou degradadas, que é uma das diretrizes do IDEFLOR-Bio. As mudas de espécies florestais, sobretudo, as nativas, produzidas em viveiros, têm por finalidade a utilização em recuperação de áreas degradadas, reflorestamento e, também, soluções ambientais. (IDEFLOR-Bio, 2023 p. 5)

Percepções ancoradas no diálogo...

Cotidiano...

Imaginem vocês um local arborizado, com árvores de todas as espécies. Imaginem uma árvore com uma copa tão grande que oferece abrigo para uma pequena parte da população, onde crianças, jovens e adultos fazem parte desse movimento. Esse lugar existe — ou pode existir — quando nossas mãos e nossos sonhos se encontram. É preciso que nos unamos para reflorestar não apenas a terra, mas também nossas relações com ela. Ao escolhermos árvores nativas e frutíferas, plantamos também o alimento, a sombra, a cura e a memória.

Teórico...

Imaginar é, ao mesmo tempo, denunciar e ter esperança. Revela o que nos falta, o que perdemos e o que ainda podemos (re)construir. Freire (2001) nos lembra que a Educação Ambiental é um ato de libertação, onde escuta, diálogo e problematização despertam a consciência crítica. Não é ensinar, mas aprender juntos, com os pés no chão que habitamos.

Quando a palavra encontra a terra, nasce a escrevivência — modo de narrar o mundo a partir das margens, como propõe Evaristo (2020). Falar de árvores e futuro é falar de nós: da ancestralidade, das histórias que nos moldam e da resistência que pulsa em nossas raízes.

ATIVIDADE DE REFLORESTAMENTO

1. Boas-vindas e introdução (10 minutos):

- Reúna as crianças presentes no parque e converse brevemente sobre o reflorestamento:
 - a. O que é reflorestamento?
 - b. Por que plantar árvores é importante?
 - c. Como podemos cuidar das plantas depois de plantadas?
- Apresente as mudas e explique brevemente a escolha das espécies nativas.

2. Dinâmica: “O Ciclo da Vida das Árvores” (10 minutos):

- Simule o ciclo de vida de uma árvore:
 - a. Semente: crianças se encolhem como sementes no chão.
 - b. Broto: começam a se levantar, movendo os braços como folhas.
 - c. Árvore: levantam completamente, balançando os braços ao vento como galhos.
- Relacione essa dinâmica ao cuidado necessário durante cada etapa do crescimento.

3. Plantio das mudas (30 minutos):

- Divida a turma em grupos pequenos.
- Mostre como cavar o buraco, posicionar a muda e cobri-la com terra, destacando o cuidado ao manusear as raízes.
- Cada grupo planta uma muda e pode decorá-la com fita ou plaquinha personalizada (com o nome da planta ou algo que represente o grupo).
- Envolve as crianças no primeiro ato de rega.

4. Limpeza e conscientização (15 minutos):

- Incentive-os a recolherem resíduos no entorno da área de plantio.
- Faça uma conversa rápida sobre como o lixo prejudica o crescimento das árvores e os animais da floresta.

5. Reflexão e encerramento (15 minutos):

- Reúnam-se em círculo para compartilhar as experiências:
 - a. O que acharam do plantio?
 - b. O que aprenderam sobre o papel das árvores?
- Proponha que eles acompanhem o crescimento das mudas em visitas futuras.
- Tire uma foto do grupo junto às mudas para registrar o momento.



FICA A DICA

Dicas Extras

- Combine com o(s) coletivo(s) da localidade- e/ou com os moradores da redondeza, um plano de manutenção para as mudas plantadas.
- Escolha uma área segura e de fácil acesso para o plantio, priorizando locais que necessitem de recuperação.
- Ao longo da atividade, busque envolver os demais presentes nas ações, promovendo o diálogo entre gerações, sobre as práticas em realização e sobre as fases do crescimento e longevidade que os seres vivos podem compartilhar com e em sociedade. Aproveite as oportunidades deste diálogo para trabalhar questões como a importância da sociobiodiversidade.



MUTIRÃO DE LIMPEZA



A reciclagem é um tema que está cada vez mais presente na vida da população. Estudos indicam que 18% dos resíduos gerados nas cidades brasileiras são reciclados. Segundo Guimarães (2004), a educação deve se abrir para os problemas sociais e ambientais, sendo esses conteúdos do trabalho pedagógico, compreendendo e atuando sobre as relações de poder que permeiam a sociedade.

Percepções ancoradas no diálogo...

Cotidiano...

A localização do PER, no meio da Rocinha, dificulta a manutenção da limpeza do território. Devido à aparência de abandono, muitos moradores acabam descartando lixo no local, enxergando-o como um terreno baldio sem utilidade. Essa percepção só começa a mudar com a presença do APER, que, apesar de realizar a limpeza do local nos encontros mensais, ainda se depara com grandes quantidades de lixo descartado indevidamente.

Nos encontros mensais, fica evidente que, sem a nossa presença para a limpeza, a situação do PER seria ainda mais grave. O abandono e o descaso do poder público poderiam transformar a área em um grande lixão.

Teórico...

A Educação Ambiental Dialógica, inspirada em Paulo Freire, propõe o diálogo como caminho para a transformação. O lixo é mais que resíduo: reflete desigualdades, abandono e o distanciamento entre sujeito e território. Ao problematizar isso com os moradores e valorizar seus saberes, semeamos um novo olhar — que vê no PER um espaço vivo e cheio de possibilidades.

A escrevivência, de Conceição Evaristo, se entrelaça à prática ambiental como registro e resistência. Cada cuidado com o PER é também uma narrativa escrita com o corpo e a experiência. A presença do APER nos encontros mensais é física, simbólica e política: reafirma o direito de existir, resistir e contar a própria história.

Tal condição pode ser adaptada para outros contextos socioterritoriais.

ATIVIDADE DE MUTIRÃO DE LIMPEZA

1. Boas-vindas e introdução (15 minutos):

- Reúna o grupo no parque e faça uma breve conversa sobre o impacto do lixo no ambiente:
 - a. Por que limpar o parque é importante?
 - b. O que acontece com o lixo jogado na natureza?
 - c. Como podemos reduzir, reutilizar e reciclar?
- Apresente os materiais e explique como funciona a coleta seletiva (mostre os sacos de cores diferentes e dê exemplos de cada tipo de material).

2. Dinâmica de conscientização (10 minutos):

- Proponha uma pequena dinâmica para engajar as crianças:
 - a. Mostre um item de lixo (ex.: garrafa plástica) e peça para elas identificarem a cor do saco em que ele deve ser colocado.
 - b. Transforme isso em um jogo rápido e divertido, chamando a atenção para a separação correta.

3. Mutirão de limpeza (40 minutos):

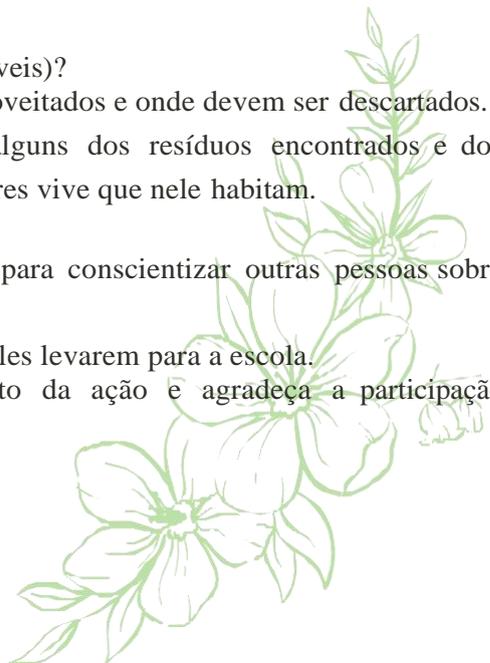
- Divida os participantes em grupos, distribuindo as áreas do parque para a limpeza
 - a. Cada grupo fica responsável por um tipo de resíduo (ex.: um grupo para plásticos, outro para orgânicos, etc.).
- Oriente os participantes sobre a segurança: usar luvas, evitar objetos cortantes ou perigosos.

4. Reflexão sobre o lixo coletado (15 minutos):

- Reúna o grupo e analise os resíduos coletados:
 - a. Qual foi o tipo de lixo mais encontrado?
 - b. O que poderia ter sido evitado (ex.: plásticos descartáveis)?
- Explique como os resíduos recicláveis podem ser reaproveitados e onde devem ser descartados.
- Informe sobre o tempo de duração de vida de alguns dos resíduos encontrados e dos impactos e riscos que podem causar ao ambiente e aos seres vivos que nele habitam.

5. Encerramento (20 minutos):

- Proponha que as crianças criem frases ou desenhos para conscientizar outras pessoas sobre a preservação do parque.
- Exponha os desenhos e frases no parque ou peça para eles levarem para a escola.
- Finalize com uma conversa breve sobre o impacto da ação e agradeça a participação de todos.



FICA A DICA

Prepare o ambiente

- Sacos de lixo coloridos para coleta seletiva (orgânicos, plásticos, papéis, metais).
- Luvas de proteção para todos os participantes.
- Pinças de coleta ou bastões (opcional, para segurança).
- Placas ou fichas com informações sobre reciclagem.

Dicas Extras

- Combine a atividade com uma ação futura, como a instalação de lixeiras ou placas educativas no parque.
- Documente o mutirão com fotos ou vídeos, incentivando os participantes a se sentirem protagonistas da transformação do espaço.
- Reforce a ideia de que a preservação do parque é um compromisso contínuo.
- Ao longo da atividade, busque envolver os demais presentes nas ações, promovendo o diálogo entre gerações, sobre as práticas em realização e sobre as fases do crescimento e longevidade que os seres vivos podem compartilhar com e em sociedade. Aproveite as oportunidades deste diálogo para trabalhar questões como a importância da sociobiodiversidade.



CONTAÇÃO DE HISTÓRIA



Contar história é um prazer quando, ao olharmos em volta, há os olhos atentos para a leitura. O ato de ouvir é um momento único e nos faz viajar de olhos abertos e ouvidos atentos. Para Paulo Freire (2002), a contação de história é um ato de libertação com intenção pedagógica, visto que não devemos só contar e recontar, mas refletir sobre esse conto.

Percepções ancoradas no diálogo...

Cotidiano...

Uma das atividades fundamentais para o grupo é a contação de histórias. Para nós, integrantes, a conscientização sobre a preservação do meio ambiente está diretamente ligada à leitura e à alfabetização da população. Acreditamos que é por meio da leitura que se transforma a realidade, pois um povo sem acesso à leitura é mais vulnerável à desinformação.

Crianças letradas têm mais capacidade de compreender e aprofundar as discussões propostas no PER, além de desenvolverem um senso crítico que as permite sugerir mudanças nas atitudes individuais e coletivas da comunidade.

Teórico...

Para nós, não se trata apenas de ensinar a ler, mas de promover uma leitura ambiental, social e afetiva do território. Crianças letradas — no sentido amplo e freiriano — compreendem melhor as questões do PER e dialogam com profundidade. Ao dominar a linguagem, desenvolvem senso crítico para questionar, propor e agir. Produzem e transformam conhecimento, espalhando-o como sementes.

Nesse caminho, a contação de histórias se une à escrevivência, permitindo que narrativas brotem da própria vida. Quando uma criança reconta a partir de sua vivência, ela afirma que sua história importa e sua voz deve ser ouvida. Cada palavra é resistência e reexistência. Por isso, rodas de leitura, livros e encontros no PER são tão potentes: mais que alfabetizar, fazem florescer narrativas onde antes havia silêncio.

ATIVIDADE DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

1- Boas-vindas e introdução (10 minutos):

- Reúna as crianças em círculo em uma área tranquila do parque.
- Converse brevemente sobre a importância do parque e da preservação da natureza.
- Explique o que será feito e crie expectativa sobre a história.

2. Contação da história (15 minutos):

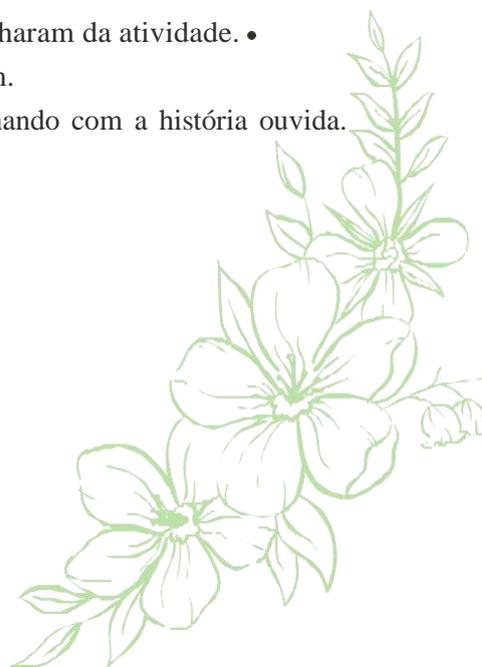
- Escolha uma história que tenha relação com a natureza ou com personagens folclóricos (Curupira, Saci-Pererê, Iara).
- Utilize expressões corporais, variações na entonação de voz e acessórios para tornar a contação mais envolvente.
- Inclua momentos interativos, como perguntas ou pequenos gestos que as crianças podem reproduzir.

3. Dinâmica de interação (15 minutos):

- Após a história, convide as crianças a explorar elementos da natureza ao redor, relacionando-os com os elementos da história.
- Proponha que cada criança escolha um objeto natural (folha, galho, pedra) e conte como esse objeto poderia fazer parte de uma nova história.

4. Reflexão e encerramento (10 minutos):

- Reúna novamente as crianças e pergunte o que elas acharam da atividade. • Converse sobre o que aprenderam e o que mais gostaram.
- Destaque a importância de cuidar do parque, relacionando com a história ouvida.



FICA A DICA

Prepare o ambiente

- Tapetes, esteiras ou almofadas para sentar.
- Livro ou roteiro da história (ex.: “O Curupira e a Floresta Mágica”).
- Fantasias ou acessórios simples (opcional).
- Caixa com elementos da natureza (folhas, pedras, galhos) para exploração.
- Se houver a presença de pessoas de variadas gerações, sem prejudicar a dinâmica de criação e participação das crianças, busque a participação destes outros, por meio de falas em que possam contar também suas histórias.

Sugestões de Histórias

- “O Curupira e a Floresta Mágica” (adaptado do folclore brasileiro).
- “A Árvore Generosa”, de Shel Silverstein (adaptação para a idade).
- Histórias criadas por você com base na realidade do parque.



DESENHO LIVRE



O ato de desenhar nos ajuda a nos comunicarmos com o mundo. É através dele que propomos mudanças significativas sem o uso da fala. No Parque Ecológico da Rocinha, as crianças desenhavam e representam o seu entorno. Para Garcia Junior e Barbosa (2020), “O desenho como forma de brincar, falar ou registrar, nos leva a refletir que é possível através de uma atividade com sua utilização analisar o desenvolvimento de aprendizagem da criança e também a forma como ela se expressa e se comunica com o meio.” (Garcia Júnior e Barbosa, 2020 p. 53). A imagem foi cedida pelo Projeto Praça, rua e bairro da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, parceiro do APER.

Percepções ancoradas no diálogo...

Cotidiano...

Geralmente, as crianças demonstram grande interesse pelo desenho, buscando essa atividade de forma espontânea. Seus registros gráficos iniciais são variados, muitas vezes aparentemente aleatórios — e é justamente aí que reside uma potência criativa e educativa. No início dos encontros, essas expressões livres funcionam como abertura sensível para o diálogo e a escuta. Elas revelam, por meio do traço, o olhar da criança sobre o mundo que a cerca.

Teórico...

A partir dessas representações gráficas, abrimos espaço para um direcionamento reflexivo, baseado na observação do território e na identificação de possíveis transformações. Essa prática se alinha à Educação Ambiental Dialógica de Freire (2002), pois parte do que a criança já sabe, sente e percebe para, então, construir junto com ela novos significados. Não se trata de corrigir ou conduzir mecanicamente, mas de mediar um processo de leitura crítica do espaço — desenhar é também ler o mundo com o corpo, com os sentidos e com as memórias.

Nesse contexto, a escrita gráfica das crianças se aproxima “Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita, considerado por Conceição como registro simbólico de criação da escrevivência” (EVARISTO, 2020 p. 20), pois cada desenho carrega marcas da vida, da vivência e da identidade de quem o fez. Ao desenhar o território, a criança narra o que vê, mas também o que deseja ver — e assim constrói imagens que falam de pertencimento, de futuro e de resistência. Dar espaço para que essas expressões sejam valorizadas é afirmar que suas vozes importam, que o olhar infantil é parte fundamental do processo de transformação social e ambiental que queremos construir.

ATIVIDADE DE DESENHO LIVRE

1. Boas-vindas e introdução (5-10 minutos)

- Explique o tema: converse brevemente com os participantes sobre a importância do parque e do meio ambiente. Faça perguntas como:
 - a. O que vocês mais gostam no parque?
 - b. Como podemos cuidar melhor dele?
- Mostre exemplos de desenhos simples para inspirá-los, mas sem impor modelos.

2. Momento de Criação (20-30 minutos)

- Distribua o material para todos os participantes. •

Dê as instruções:

- a. "Vocês podem desenhar o que imaginam ou já viram no parque: árvores, animais, pessoas cuidando do espaço, ou mesmo o que gostariam de mudar ou adicionar no parque."
- b. "O desenho pode ser realista ou imaginativo; o importante é representar suas ideias e sentimentos sobre o parque."

3. Compartilhamento e Reflexão (10-15 minutos)

- Após concluírem os desenhos, peça para que, quem quiser, compartilhe com o grupo:
 - a. O que desenhou?
 - b. Por que escolheu esses elementos?
 - c. Como seu desenho representa o cuidado com o meio ambiente?
- Faça conexões entre os desenhos e o impacto positivo que cada um pode ter no parque.



FICA A DICA

Prepare o ambiente

- Folha A4
- Lápis de cor •
- Giz de cera
- Lápis e borracha

Exemplo de Perguntas para Reflexão

- Qual foi a parte mais divertida de criar seu desenho?
- O que você acha que o parque precisa para ficar ainda melhor?
- Como seu desenho pode inspirar outras pessoas a cuidar do parque?

Resultados Esperados

- Expressões criativas e reflexivas sobre o espaço do parque.
- Sensibilização sobre a importância do cuidado com o meio ambiente.
- Ideias que podem ser usadas para melhorar o parque ou inspirar outras atividades.
- Dicas:
- Não deixe de valorizar todas as produções.
- Caso pense em expô-las em outro lugar, avise antecipadamente e recolha-as ao final.



Enfim, precisamos estar conectados com anatureza

A educação formal, a não formal e a informal são complementares e auxiliam no “processo educativo global do indivíduo e os efeitos produzidos pela escola não podem ser entendidos independentemente dos fatores e intervenções educacionais não escolares uma vez que ambos interferem continuamente na ação escolar” (Trilla, 2008 p. 18).

O trabalho iniciado e coordenado pelo Severino e Hans[1], no PER – Parque Ecológico da Rocinha não foi fácil e não é fácil. Existem forças contrárias que impedem a realização de atividades voltadas à preservação dos espaços naturais que ainda restam na Rocinha, visto as prioridades dos moradores serem outras com relação ao território. Os moradores demonstram pouco interesse na preservação da natureza, o que leva ao aumento exponencial da demanda por ocupação de áreas verdes ainda preservadas para a construção de prédios e estacionamentos, visando benefícios individuais.

Lutar contra esses valores já enraizados exige argumentos sólidos, conhecimento histórico e a união de pessoas em prol de um bem comum. Embora seja uma batalha árdua, ela pode ser vencida por meio da força coletiva, que se constrói e se fortalece ao longo do tempo. Assim, mesmo que de forma gradual, o grupo supera desafios e avança, passo a passo, rumo à transformação.

Portanto, não se pode abrir mão do diálogo com as teorias que fortalecem a práxis, pois é nesse encontro entre pensamento e ação que se dá a verdadeira transformação. A Educação Ambiental Dialógica, inspirada na pedagogia de Paulo Freire, é fundamental para iniciar ações reflexivas, abrindo espaço para o debate de diferentes temas e construindo pontes significativas entre sujeitos diversos. Em contextos marcados por desigualdades históricas, como os que vivemos, ela nos ajuda a enxergar possibilidades de mudança mesmo diante daquilo que, à primeira vista, parece não ter solução.

A priori o processo de escuta e construção coletiva, a Teoria das Representações Sociais atua como aliada essencial. Ela nos permite compreender como os significados são socialmente construídos e compartilhados, especialmente em territórios onde a realidade é constantemente moldada por narrativas externas. Pensar com base nas representações sociais é reconhecer que as ideias, crenças e práticas das comunidades não são aleatórias, mas ancoradas em experiências vividas, nos afetos e nos saberes locais — muitas vezes invisibilizados, mas extremamente potentes. É esse pensamento, ancorado no diverso, que nos move com um sentimento comum: o desejo de justiça, de pertencimento e de transformação.

[1] Severino Franco e Hans Richert são fundadores do movimento denominado APER, que em 2025 completará 4 anos de existência. A história deles está descrita na dissertação intitulada “Educação ambiental em espaços não formais: o parque ecológico da Rocinha como território educativo”, defendida em 2025.

Nesse mesmo caminho, emerge a força da escrevivência, conceito estudado por Conceição Evaristo, que devolve centralidade à memória, à ancestralidade e ao corpo silenciado. A escrevivência é escrita de vida — é a palavra encarnada na pele, na história e na luta, sobretudo da mulher negra, que narra a partir de um lugar marcado pela resistência. Ao incorporarmos essa perspectiva, reconhecemos que a Educação Ambiental não pode se descolar das experiências daqueles que historicamente enfrentam as dores das desigualdades, do preconceito e do apagamento.

Assim, unindo o diálogo freiriano, o olhar das representações sociais e a escrevivência como gesto de resgate identitário, podemos construir práticas educativas mais humanas, enraizadas e transformadoras — onde cada sujeito, com sua história e sua voz, tem lugar e poder de ação.

Em síntese, se você deseja iniciar um trabalho coletivo e ajudar a preservar um pedacinho de área verde que ainda resta no seu território, não desanime. Busque pessoas que compartilham do mesmo objetivo, pois juntos podemos ir muito mais longe.

Forme um coletivo com pessoas de diferentes formações, idades, gêneros e raças. Assim é possível superar desafios que parecem impossíveis.

Aproveite os encontros para valorizar o território como lugar de pertença, de convívio, de partilha e cuidado comum e, de trocas, onde todos podem aprender juntos.

PARA REFLETIR

“Gente, simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, conseguem mudanças extraordinárias.”

e

“Quando o rebanho se junta, o leão vai dormir com fome.”

Provérbios africano

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.p df> Acesso em: 24 maio 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base**. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf> Acesso em: 23 mar. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 18 de junho de 2012, Seção 1, p. 70.

BRASIL. **Lei nº 9.795**. Lei de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política da Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.lei.adv.br/9795-99.htm>> Acesso em: 17 out. 2024.

BRASIL. **CNE/CP nº 14/2012**. Parecer aprovado em 6 de junho de 2012 - Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf> Acesso em: 09 nov. 2024.

BRASIL. **Lei n.13.005**. Lei de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF., 26 jun 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm> Acesso em: 03 out. 2024.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Alfabetização em geografia. **Espaços da Escola**, v. 10, n. 37, p. 29-46, 2000. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/46485/mod_resource/content/1/Texto%20Complementar2.pdf> Acesso em: 16 nov. 2024.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FELISBERTO, Fernanda. *Escrevivência como rota de escrita acadêmica*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FIGUEIREDO, João B. A. *Educação ambiental dialógica: as contribuições de Paulo Freire e a sultura sertaneja nordestina*. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 43. ed. São Paulo Cortez, 2002. <<https://www.construirnoticias.com.br/a-contacao-de-historias-a-luz-de-paulo-freire-umaestrategia-de-formacao-docente-do-ensino-fundamental/>> Acesso em: 12 dez. 2024.

GADOTTI, Moacir. **Educação Integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. – (Educação Cidadã; 4).

GUIMARÃES, M. **A formação de Educadores Ambientais**. Campinas: Papirus, 2004.

IDEflor - bio. Cartilha de produção de mudas - Diretoria de desenvolvimento da cadeia florestal. 2023. Disponível em: <<https://ideflorbio.pa.gov.br/wp-content/uploads/2023/11/CARTILHA-PRODUCAO-DE-MUDAS-DDF-1.pdf>> Acesso em: 16 nov. 2024.

Jacobi, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**. N. 118, março/ 2003. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, março/ 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/kJbkFbyJtmCrFTmfHxktgnt/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 15 nov. 2024.

Júnior, P. J. G.; Barbosa, M. A. P. O desenho como prática pedagógica de expressão e comunicação para alunos da Educação Infantil. **Rev. kiri - kerê: pesquisa em ensino**, N. 8, junho, 2020.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S., **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

Projeto de Extensão: **A praça, a rua e o bairro: experiências de participação no desenvolvimento de propostas urbanas e paisagísticas**, UFRJ, s.d.(2024).

SILVA, S. A. **Alfabetização Cartográfica para os alunos do curso de formação de docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Londrina, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1481-6.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

TRILHA, Jaume; GHANEM, Elie; ARANTES, Valéria Amorim (Orgs). **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo. Summus, 2008.

ANEXO 1 - MAPA DO PARQUE



SOBRE OS AUTORES

ROSE FIRMINO,



Cofundadora do Museu Sankofa, voluntária de grupos sociais como contadora de história. É poeta, contadora de história, atriz nas horas vagas, professora e pedagoga. Pedagoga formada pela UERJ. Atualmente é professora da Escola Municipal Francisco de Paula Brito e mestranda do PPGEB-CAP-UERJ. Desenvolve pesquisa na área de educação ambiental, cidade educadora.

LINCOLN TAVARES SILVA



Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Atuou como docente nas redes públicas Municipal e Estadual do RJ. É Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Especializou-se em Políticas Territoriais no Estado no Rio de Janeiro (UERJ). Como professor atuou no CAP-UERJ e, atualmente, é Professor Associado do IGEOG/DGF da UERJ. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação e produção de sentidos, ensino da geografia, formação de professores, geografia e educação ambiental, gestão e administração escolar, relação escola- comunidade e educação a distância. Atua junto à Educação Básica e às formações docentes inicial e continuada. Também é Professor do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Geografia -PPEG), no Instituto de Geografia e do Programa de Pós- Graduação de Ensino em Educação Básica do CAP-UERJ.

FAZERES

A linha editorial FAZERES destina-se a divulgar produtos educacionais voltados ao estudante da Educação básica em que observe inovadorismo no desenvolvimento de práticas pedagógicas e pertinência na abordagem de objetos de aprendizagens.

Perfil do autor: profissionais de educação;

Público-alvo: estudante da educação básica.

